

EDITORIAL

Graça no âmbito do saber psicanalítico um mito que fundou uma espécie de pressuposto de invenção da sociedade humana: herdando certas competências dos símios, os hominídeos teriam feito a operação mais complexa para as suas possibilidades emotivo-cognitivas: admitir que o outro existe; que ele pode não exclusivamente ameaçar como se o faz a um inimigo (com sua simples presença, por exemplo); abrir-se a possibilidades societárias com ele.

Aqui estou evocando o mito da fundação da sociedade humana (ou mito da horda primitiva), próprio à antropologia do século XIX, assimilado por Freud em Totem e Tabu (1913), no esforço para compreender como se deu a criação da vida social. Movidos pelas pulsões egoístas e agressivas, que tinham ao outro como uma figura ameaçadora, rival, concorrente dos bens garantidores da sobrevivência e da perpetuação da espécie (alimento e fêmeas), como foi possível aos primeiros humanoides contemplarem os seus concorrentes como sócios? Ou, se quisermos, como foi possível que, em um ambiente hostil surgisse a possibilidade de o inimigo, rival, concorrente se tornar sócio de um empreendimento comum, a sociedade humana? Como foi possível que da animosidade sentimentos mais positivos se desenvolvessem entre os parceiros que fundaram a sociedade humana? Muito simplesmente: se é verdade que o homem é egoísta e agressivo, avesso ao laço social (Hobbes, Malthus, Frazer, Freud, etc), como se tornou material a vinculação fraternal?

Esse pano de fundo da história dos saberes serve de baliza para este número da Revista Diálogos Possíveis, que reúne doutores de Portugal, da Itália e do Brasil para discutirem a manutenção deste empreendimento social. São pesquisadores de instituições diversas (Universidade Federal de Pernambuco, Universidade Tiradentes, Instituto Universitário Sophia/Florença/Itália, Faculdade Dois de Julho, Universidade Federal do Maranhão, Universidade Portucalense/Porto/Portugal, Universidade de Salamanca/Espanha, Universidade Católica do Salvador, Universidade de São Paulo, Università Católica di Milano/Itália, Faculdade Santíssimo Sacramento, Faculdade Social da Bahia e Universidade Salvador) e de áreas de pesquisa, que aceitaram o desafio de entabular um diálogo acerca do traço que torna os seres humanos, humanos: a sociabilidade. Aqui foram convocadas as diversas disciplinas das Ciências Humanas e Sociais aplicadas como o Direito, a Filosofia, a Sociologia, a História e a Psicologia para oxigenarem o debate em torno das questões permanentes e candentes, no tempo que corre, sobre a fraternidade.

As questões postas pelos especialistas aqui reunidos são as seguintes: 1. De que modo a história assegurou a elaboração de fundamentos constitucionais para os princípios fraternais? 2. É possível conceber a fraternidade como uma categoria política? 3. A quais desafios estão submetidos os sujeitos que migram? 4. O trabalho, na contemporaneidade, é uma experiência com a qual se documenta a isonomia entre os gêneros? 5. Quais estereótipos são impingidos à mulher migrante? 6. Tomando gênero em sua acepção ampla, como pensar a presença da mulher no âmbito da Ciência Política? 7. Civitas: em que lugar exercemos nossa cidadania e mediante que tipo de interesse? 8. No âmbito da família como se procede a humanização dos

sujeitos que a constituem? 9. O tratamento dispensado aos sujeitos em sofrimento psíquico, via de regra, tem a adesão da família na mitigação deste sofrimento?

Questões candentes que mostram que a novidade do problema tão ancestral para a fundação do humano é se colocar de novo, como o nosso problema, revestido de novas roupagens e exigindo dos especialistas esforços para pensar a produção de conhecimento tendo em conta as estratégias que tornam a vida humana uma experiência desafiadora, sobretudo quando se pensa, na “*sociedade dos indivíduos*” (Norbert Elias), a reinvenção de formas de solidariedade.